

"A TV vai salvar o mundo"

Charles Kenny
por Bruno Ferrari

A televisão não engorda, não emburrece e melhora nossa vida, diz um economista americano

A internet revolucionou o mundo na última década. Os celulares também. Agora, vivemos uma onda de blogs e redes sociais. Mas o título de tecnologia mais importante e influente do mundo ainda é a televisão, segundo o economista americano Charles Kenny, do Banco Mundial. Para ele, além do alto índice de alcance entre as populações – no Brasil, a TV está em 97% dos domicílios –, ela é o meio de comunicação que prende as pessoas por mais tempo. Em entrevista a *ÉPOCA*, Kenny rebate estudos que associam a TV à piora na educação e ao aumento da obesidade. Afirma que a popularização da televisão ajudou a reduzir taxas de natalidade e incentivou as famílias a enviar suas filhas para a escola. Teria contribuído também para a rejeição da violência doméstica.

CHARLES KENNY



QUEM É

Economista americano, especializado em desenvolvimento. Vive hoje em Washington

O QUE FAZ

Trabalha para o Banco Mundial na área de reconstrução e desenvolvimento

O QUE PUBLICOU

Está acabando o livro *Success of development* (*Sucesso do desenvolvimento*). Tem artigos publicados em veículos respeitados, como a revista *Time* e o jornal *London Times*

ÉPOCA – Com os computadores e celulares ligados à internet, qual é o papel da TV no mundo de hoje?

Charles Kenny – A TV vai salvar o mundo. Ela desempenhou um papel importante em mudar o mundo (*e o Brasil em particular*), diminuindo as taxas de natalidade, incentivando as famílias a enviar suas filhas para a escola e reduzindo a aceitação da violência doméstica. Há estudos que ligam programas de TV com a melhora em resultados na educação e na conscientização política da sociedade. A TV também tem sido relevante no aumento global do cosmopolitismo – as pessoas respondem às tragédias que veem na TV doando dinheiro para instituições de caridade envolvidas na recuperação das regiões afetadas, por exemplo. A TV tem um papel fundamental na redução do apetite para a guerra entre as nações e no aumento do desejo de lidar com os desafios ambientais globais. Isso é muita coisa para uma caixa que transmite imagens.

ÉPOCA – A TV ainda é o meio de comunicação mais influente?

Kenny – Boa parte do mundo tem um telefone. A revolução móvel é muito grande também. E, enquanto o acesso à internet no mundo é ainda baixo, ele mudou totalmente os negócios. Mas a televisão ainda é de longe a maior ferramenta de comunicação atual, se levarmos em consideração o número de horas que os telespectadores passam em frente a ela. As pessoas assistem à TV cerca de 10 bilhões de horas por dia.

ÉPOCA – A TV será ultrapassada pela internet?

Kenny – A TV e a internet têm papéis diferentes, mas certamente a TV é mais democrática em termos de alcance. Mais de 60% das famílias dos países em desenvolvimento têm uma TV isso é muito maior do que a abrangência da internet. E você não precisa dos mesmos níveis de alfabetização e desenvolvimento linguístico exigidos pela internet para assistir à TV. Portanto, ela é definitivamente a melhor aposta para pessoas com pouca instrução.

ÉPOCA – Mas a TV já não cresceu tudo o que podia no mundo?

Kenny – A revolução da TV já é um fenômeno global. No entanto, o acesso das famílias ainda é menor nos países de baixa renda, com limitações na distribuição da energia elétrica. A maior parte do avanço da TV deve ocorrer nessas áreas. Cerca de 5 milhões de famílias na África Subsaariana terão seu primeiro contato com uma televisão ao longo dos próximos cinco anos, por exemplo. A outra parte interessante da história é a explosão no acesso à TV digital, via cabo e satélite. Só na China e na Índia, teremos 105 milhões de famílias com acesso à TV digital até 2013.

ÉPOCA – A nova geração de aparelhos portáteis pode aumentar o acesso à TV?

Kenny – Nós já estamos assistindo à TV pelo telefone celular, e isso pode muito bem se popularizar no mundo inteiro. Vai depender de como as companhias conseguirão adaptar a transmissão de vídeo às redes de telefonia móvel e reduzir os preços dos aparelhos que captem o sinal de TV. Estamos apenas no início. Vamos ter uma evolução muito rápida nessa área. Para a maioria dos que já usam a banda larga, por exemplo, assistir a programas de TV no computador se tornou algo normal. Deve acontecer o mesmo no caso dos celulares.

ÉPOCA – A TV e a internet vão convergir?

Kenny – Com a TV caminhando para ser totalmente digital, a convergência parece inevitável. Mas algumas barreiras de regulamentação e o legado da TV analógica vão breçar uma transição mais rápida – especialmente nos países em desenvolvimento. Por muito tempo ainda teremos uma demanda grande por TVs digitais simples. Os analfabetos e semianalfabetos não vão querer aparelhos com teclado.

"As pessoas assistem à TV 10 bilhões de horas por dia. Ainda é de longe o maior meio de comunicação hoje"

ÉPOCA – Em seu livro *The assault of reason* (algo como *O assalto à razão*), Al Gore diz que, quando a televisão ganhou mais importância que a mídia impressa, a democracia ficou enfraquecida, porque a oferta de fontes de informação foi reduzida. O senhor concorda?

Kenny – Isso é uma das razões de a competição ser tão importante. Se há um único canal optando por um viés político particular, estudos acadêmicos sugerem que os resultados das eleições sejam levados a essa posição. Mas, se os espectadores podem escolher que tipo de notícia ver e em que canal, esse problema desaparece. Essa é uma das coisas emocionantes sobre a revolução digital. Se todos têm acesso a dezenas ou centenas de canais, de notícias locais a fontes internacionais, como CNN ou BBC, nenhum partido ou ideologia pode injustamente dominar uma cobertura.

ÉPOCA – Há diferentes estudos que mostram uma piora nos hábitos alimentares e aumento da obesidade em populações depois da chegada da TV. Como o senhor enxerga isso?

Kenny – Ficar sentado no sofá oito horas por dia assistindo a programas certamente não é um estilo de vida saudável. Mas a obesidade está ligada mais a uma epidemia mundial da doença do que à popularização da TV. Nos Estados Unidos, o percentual de TVs nas residências saltou

de menos de 5% no final dos anos 40 para mais de 90% ao fim da década de 50. A epidemia de obesidade se espalhou no mesmo ritmo dramático, mas apenas algum tempo depois. No mundo, o crescimento da renda, a urbanização, a expansão do emprego na indústria de serviços, o aumento do acesso a automóveis, o aumento no consumo de calorias diárias e a popularização do fast-food têm um papel grande.

ÉPOCA – Muitos estudos feitos com jovens estudantes mostram que o excesso de TV leva a problemas na escola. Como a TV afeta a educação?

Kenny – É verdade que vários estudos sugerem que crianças com piores notas na escola também assistem a muita TV. Mas o excesso de TV pode ser resultado, e não causa, do mau desempenho escolar. Ou talvez algum outro fator seja responsável pelas duas coisas. O que sabemos de alguns estudos americanos é que crianças em comunidades que tiveram acesso à TV no início dos anos 1950 foram melhor nas provas nos anos seguintes do que as de áreas ainda sem TV. E temos 40 anos de estudos que mostram que crianças que assistem a *Vila Sésamo* leem mais, sabem mais inglês, matemática e ciência, além de valorizar mais suas conquistas acadêmicas. No México, TVs nas salas de aula foram usadas para melhorar o desempenho nas provas. A conclusão é que crianças que veem muita TV podem ter notas piores. Mas um pouco de TV pode ser um estímulo importante para melhorar o desempenho escolar.

Fonte: Época, 26 abr. 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com>>. Acesso em: 28 abr. 2010.

A utilização deste artigo é exclusiva para